

# Govto diz que delação pode levar a mandantes do assassinato de Marielle

Ex-policia assina colaboração premiada, cita nome de um suposto intermediário e origem de arma utilizada nas execuções; ministro da Justiça afirma que caso atingiu 'novo patamar'

Um acordo de delação poderá fornecer informações para que a investigação chegue aos mandantes do assassinato da vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ) e do motorista Anderson Gomes, em março de 2018. A avaliação foi feita ontem pelo ministro da Justiça, Flávio Dino, que anunciou a colaboração premiada do ex-policia Elcio Queiroz, base para novo prisão e revelações relacionadas ao caso. A investigação passou a ser acompanhada pela Polícia Federal em fevereiro deste ano, após a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O delator citou o nome de um suposto intermediário responsável por contratar o ex-policia militar Ronnie Lessa, acusado de efetuar os disparos que mataram a vereadora carioca, e indicou a origem da arma utilizada no crime (mais informações na pág. A8). A partir dos relatos, a PF prendeu na manhã de ontem o ex-bombeiro Maxwell Simões Corrêa, o Suel, suspeito de dar "auxílio moral e material" aos assassinos.

A execução de Marielle — que estava em exercício de seu mandato — permeou nos últimos anos a mais aguda polarização que marcou a política brasileira. No atual governo do PT, a elucidação do caso se tornou uma "questão de honra do Estado brasileiro", segundo Dino. Lula deu a irmã da vereadora, Anielle Franco, o posto de ministra da Igualdade Racial.

O titular da Justiça afirmou que a delação de Elcio Queiroz colocou o caso em um "novo patamar" e confirmou o que já se sabia sobre a execução do crime: "Há uma espécie de mudança de patamar da investigação. Se conclui a investigação sobre a execução e há elementos para um novo patamar, a identificação dos mandantes. Nas próximas semanas provavelmente haverá novas operações derivadas das provas colhidas hoje."

Conforme o ministro, as diligências realizadas ontem concluíram uma fase da investigação. A operação cumpriu sete mandatos de busca e apreensão e um de prisão.

**CRIME.** Marielle e Anderson Gomes foram atingidos por tiros dentro do carro em que estavam, na região central do Rio, após a vereadora participar de



Operação prendeu ontem, no Rio, o ex-bombeiro Maxwell Simões Corrêa, o Suel; ele foi detido em sua casa, no Recreio das Bandeirantes

um evento do PSOL. Uma assessora sobreviveu ao atentado. As investigações e acusações apontam que o crime foi praticado por ex-agentes do Estado. Ronnie Lessa e Elcio Queiroz estão presos na Penitenciária Federal de Porto Velho, em Rondônia.

Após assinar a colaboração premiada, o agora delator prestou depoimento no dia 12 de junho, na sede do Comando de Aviação Operacional, em hangar da PF no Aeroporto de Brasília. O Estadão teve acesso ao documento (mais informações na pág. A8). Elcio Queiroz confessou sua participação no crime e implicou diretamente Ronnie Lessa e Maxwell. Os relatos apontam a dinâmica do assassinato, detalhando itinerários e roteiros dos criminosos. Conforme já descrito na ação penal, o delator afirmou que Lessa atirou contra a vereadora e o motorista, e que ele dirigiu o carro que perseguiu o veículo das vítimas. Segundo a delação, o suposto contratante do crime foi o então policia militar Edmilson Oliveira da Silva, conhecido como "Macalé", assassinado em novembro de 2021.

De acordo com Dino, há convergência entre a narrativa do ex-PM e informações levantadas pela PF. "Esse evento de enorme importância, a ocorrência da delação premiada, com a confirmação de outros personagens, da dinâmica do crime, dos executores, permitiu esse caminho, que nós temos a convicção, a esperança — como é o nome da operação — de que conduzirá aos mandantes", reforçou o ministro.

**'ESPERANÇA'.** Preso preventivamente na operação de ontem, Maxwell já tinha sido condenado por obstrução judicial por ajudar a esconder provas

**"Enquanto a gente não combater a violência política nesse país, enquanto a gente não souber quem mandou matar Marielle, a nossa democracia segue fragilizada"**

Anielle Franco  
Ministra da Igualdade Racial e irmã de Marielle Franco

desse caso. A ação conjunta de policiais federais e promotores do Ministério Público do Rio de Janeiro foi batizada de "Elpis" — nome de uma deusa da mitologia grega que personificaria a esperança.

"A gente segue esperançosa de que vai descobrir e vai chegar aos mandantes de quem mandou matar Marielle e por quê", afirmou Anielle Franco. Em agenda oficial na Colômbia, a ministra da Igualdade Racial elogiou o trabalho realizado pela PF na apuração do assassinato da irmã. "Que bom que hoje a gente tem um governo sério, tem pessoas à frente de pastas importantes, que a gente pode confiar e contar", disse. "Sigo dizendo que, enquanto a gente não combater a violência política nesse país, enquanto a gente não souber quem mandou matar Marielle, a nossa democracia segue fragilizada."

Sobrevivente do ataque, a jornalista Fernanda Chaves afirmou que a operação é um "passo importante" na investigação que apura os assassinatos. Fernanda estava no carro com Marielle — de quem era assessora — e com Anderson Gomes. À época, ela disse só se lembrar da rajada de tiros que matou a vereadora e o motorista. Logo depois dos assassinatos, a jornalista

deixou o Brasil. Ela retornou ao País com o andamento das investigações.

"Recebo a notícia com satisfação. Um passo importante, sobretudo após um inusado hiato, em que ficamos sem qualquer avanço das investigações", disse. "O assassinato de Marielle foi um crime político."

**'GARANTISTAS'.** As notícias envolvendo o caso Marielle suscitaram críticas do deputado casado Deltan Dallagnol, que questionou o uso da delação premiada de Elcio Queiroz na investigação do assassinato da vereadora. Em postagem nas redes sociais, ele ironizou o fato: "A esquerda, os garantistas de ocasião e os prerrogativistas todos festejaram o que até ontem eles criticavam na Lava Jato", escreveu o ex-procurador que coordenou a força-tarefa da Operação Lava Jato no Paraná e usou extensamente as delações premiadas em suas investigações.

Na coletiva de imprensa, Dino precisou falar sobre o tema. "A delação premiada, sozinha, não constitui um meio de prova suficiente, mas a delação premiada se soma a um conjunto que já havia sido apurado antes", afirmou. **● PERVA ORTIZA, DANIEL HUBER, LEVY TELES, RAY ANDERSON GOMES E RUBENS ANATER**

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Política Caderno: A Pagina: 7